

A GUERRA PENINSULAR

PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES



CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR
EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR

XVII COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR
NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL



JOHN PATTERSON – UMA CAMPANHA EM PORTUGAL

ANA RITA SOVERAL PADEIRA. Universidade Aberta.
Centro de Estudos Anglo-Portugueses.

É verdade que Portugal, país do Sul da Europa, vagamente remoto e desconhecido, logrou chamar repetidas vezes a atenção de outros povos, designadamente a Grã-Bretanha, por motivos tão diversos como os que vão da simples curiosidade por paisagens e culturas desconhecidas, ao espírito da *Grand Tour* durante a qual a viagem se assume como forma de instrução e de conhecimento, ao impacte causado pelas catástrofes naturais como foi o Terramoto de Lisboa de 1755, de dimensões terríveis, e a subsequente reconstrução da cidade ou, ainda, à procura de cenários sublimes e pitorescos, uma tendência que se acentuou com a aproximação de um cada vez mais forte sentimento romântico.

Paralelamente, também o episódio bélico das Invasões Francesas e o inseparável envolvimento das tropas britânicas na constituição do exército aliado fizeram já correr muita tinta, particularmente na Grã-Bretanha, de tal forma que segundo alguns historiadores a Guerra Peninsular se tornou “o primeiro campo histórico verdadeiramente significativo e original da historiografia britânica sobre Portugal”.¹

Aliado ao objectivo principal de documentar esta guerra, a verdade é que o capitão John Patterson – o militar-viajante de quem agora nos ocupamos –, não renunciou a ilustrar o depoimento das suas aventuras, no qual predomina compreensivelmente a orientação militar, com observações sobre a viagem empreendida em Portugal, de tal forma que não nos parece adequado separar o perfil do homem que foi o militar daquele que foi também o do viajante.

Este capitão, que integrou o 50º Regimento do exército aliado, deixou-nos um testemunho relatado na primeira pessoa do que foram a estratégia e a capacidade de intervenção das forças britânicas no episódio vulgarmente designado por Guerra Peninsular, a dureza dos combates, o poder do inimigo, a supremacia de que se arrogava, a par do registo do sofrimento que se abateu sobre as populações, enfim, tudo documentado e representado na narrativa das aventuras por que passou, num momento histórico de suma importância não só para Portugal como ainda para o país que representava.

¹ Macedo, Jorge Borges de. 1973. A propósito do Centenário da aliança luso-britânica. A historiografia britânica sobre Portugal. Separata de *Palestra*, nº. 42, Lisboa, 20-21.

Foi porque também se considerou um viajante que não se coíbiu de reunir para publicação, mais tarde, reformado e já em Inglaterra, as memórias destas aventuras vividas no teatro de guerra. Incentivaram-no para o efeito, como admite, os variados pedidos que recebeu de amigos, movidos, talvez, pela atracção ou pelo fascínio que os povos do Sul não raras vezes suscitaram sobre os seus congéneres do Norte. É verdade que a proximidade de um peculiar sentimento romântico, cada vez mais generalizado e difundido pela Europa, veio reforçar semelhante tendência.

Tendo em vista, mais ou menos confessadamente, a publicação dos relatos de viagens, estes “militares-viajantes” socorreram-se dos seus diários de viagem, pequenos canhotos de notas que regra geral os acompanhavam e onde registavam os principais acontecimentos vividos, os locais por onde passavam e que não pretendiam esquecer, ou os costumes que mais lhes chamavam a atenção, considerando sempre a eventual publicação de tais memórias.

A proliferação de obras sobre os países meridionais ia por conseguinte ao encontro da curiosidade de um público leitor, de contornos e gostos já bem configurados, o que à partida assegurava o acolhimento favorável deste tipo de literatura. Sabemos igualmente que era grande o interesse com que na Grã-Bretanha se acompanhava o desenrolar das movimentações militares na Península, particularmente no nosso país, o seu mais antigo aliado.

Por isso, e ainda que consciente do elevado número de relatos sobre as invasões napoleónicas que inundou a Inglaterra, sobretudo nas primeiras décadas do século XIX, John Patterson justifica apesar de tudo a pertinência de todos eles, defendendo que acabavam sempre por apresentar, pelo menos, um aspecto inédito da história ou da vida do país visitado. No caso deste militar, pesou particularmente a homenagem que entendeu dever fazer ao 50.º Regimento, de quem ninguém se havia ocupado, não obstante a reputação obtida através da prática de feitos memoráveis.

E porque se trata de impressões de viagem no caso da obra intitulada *The adventures of Captain John Patterson*² – o título é por si mesmo elucidativo quanto à natureza do livro, em que associadas ao relato militar surgem paralelamente as aventuras e observações de uma viagem –, registem-se em jeito de confirmação as palavras do autor também relativamente à outra obra publicada em 1840:

A impressão causada por este primeiro acampamento [referindo-se ao que imediatamente sucedeu ao desembarque no Mondego], naquela campanha breve mas dura, não me sai da memória. Como são súbitas as mudanças na vida de um soldado em acção

² Ver indicação completa das obras em Bibliografia Consultada.

– as aventuras extraordinárias e movimentadas pelas quais tenho passado, desde que experimentei pela primeira vez aquela impressão, deambulam em mim como sombras de um sonho enganoso. Os acontecimentos de há mais de vinte e cinco anos afluem ao meu pensamento como se fossem os de ontem. (1840, 223).

A partir destes dois relatos que retratam as campanhas militares decorridas em Portugal e na Península – e apresentam como pano de fundo as manobras militares do exército aliado contra o invasor francês –, John Patterson deixa-nos simultaneamente a imagem de um país depauperado e massacrado pela guerra, porém hospitaleiro e generosamente privilegiado pela natureza nos inúmeros recantos de beleza assinalável que possui.

Ainda que imbuído de espírito militar e do fiel propósito de afastar os franceses da ocupação abusiva do país, é, todavia, com sensibilidade que repara na paisagem circundante, bem como em certos costumes e tradições que vai registando, não sem alguma estranheza e perplexidade.

Não são por isso menos dignas de reparo as observações curiosas e pertinentes que foi esboçando à medida que atravessava o país – e atravessou-o de facto mais de uma vez e em várias direcções –, que revelam a sensibilidade deste “militar-viajante”, que a ocasião converteu também em escritor, movido por interesses específicos mas, simultaneamente, atento aos costumes, às tradições e à cultura de um povo que constatou ser em muitos aspectos tão diferente do seu.

Assim, paralelamente à descrição das movimentações e manobras militares, é confiado ao leitor o sentimento que a paisagem natural do nosso país, contrariamente à espanhola, cuja aridez por mais de uma vez referiu, exerceu sobre o capitão Patterson um efeito impressionante, reforçado pela presença de aspectos sublimes e pitorescos constantemente invocados, à boa maneira da época.

A primeira obra que publicou sobre as campanhas napoleónicas em Portugal, e que não foi como sabemos a única, surge cerca de trinta anos volvidos sobre a chegada deste militar ao nosso país, quando fazia parte do 50.º Regimento, também conhecido por ‘Regimento da Rainha’. À rainha Adelaide, mulher de Guilherme IV, e patrona do regimento em questão, dedica pois o capitão John Patterson, a obra em causa em Outubro de 1836.

É precisamente com a subida ao trono de Guilherme IV que a rainha vai distinguir o regimento, homenageando-o com a designação de ‘Regimento da Rainha’. É também por isso que o autor dedica a obra à soberana quando resolve publicar as memórias da viagem empreendida, obedecendo ao desejo de prestar tributo aos companheiros de luta, principal-

mente, àqueles que deram a vida por uma causa que só indirectamente os afectava e para a qual, não obstante, se viram impelidos a combater.

Apesar de reconhecer limitações evidentes nos seus dotes literários, o capitão Patterson deixou-nos, num registo simples mas cuidado, e até mesmo com visíveis preocupações estéticas, como são os momentos irónicos que pautam determinadas descrições, as memórias das campanhas militares em que participou em Portugal.

Corroborando a imagem desdenhosa que o exército de Junot fazia do congénere aliado (será bom recordar que os próprios ingleses, também eles, ostentavam uma posição de superioridade), John Patterson refere-se, com humor e alguma jovialidade, ao marechal francês nos seguintes termos:

Junot, [...] nutria um profundo desprezo pelos britânicos e procurou convencer os seus homens de que os adversários que tinham nada mais eram do que um bando de soldados embrutecidos e destituídos de qualquer estratégia militar. Com base no depoimento de alguns desertores que passaram para as nossas linhas, ficámos a saber que o Marechal tinha a pretensão de nos limpar o sebo, logo no princípio, e de nos sacudir mesmo o pó das jaquetas. [...] e, para não ficarem atrás em termos de delicadeza, [os nossos soldados] resolveram retribuir o cumprimento, propondo-se aparar os bigodes a tão galantes veteranos, cobrindo-os de terra, de forma tão artística que a intervenção de qualquer barbeiro se tornaria absolutamente desnecessária. (1837, 34).³

O tom torna-se todavia mais sério quando associa ao retrato de Junot a famosa e polémica Convenção de Sintra, assinada após o armistício. A alusão aos vergonhosos roubos praticados pelo exército francês é uma nota constante no seu depoimento. Não se pense, contudo, que os ingleses saem ilesos desta história; numa atitude crítica, Patterson responsabiliza-os, igualmente, interrogando-se relativamente ao modo como assistiram, a partir do Tejo, passivamente, à expulsão dos soldados franceses:

Que génio diabólico tomou conta dos nossos governantes para autorizarem que um exército vencido se retire serenamente, carregando consigo semelhante fortuna e ainda as armas com que haverão de defender-se? (1837, 204).

O testemunho de John Patterson insinua paralelamente, com algum vigor, o sentimento de respeito dos dirigentes militares britânicos manifestado pelo adversário, bem assim como uma mal disfarçada impotência face às consequências irreparáveis provocadas pela própria circunstância da guerra.

³ As traduções dos trechos citados são da nossa responsabilidade.

Não deixa de ser curiosa, neste contexto marcado por sentimentos humanos controversos, a comparação que estabeleceu entre dois generais franceses de nomeada, envolvidos nos primeiros confrontos que são os que de momento nos ocupam: Junot, acerca de quem faz uma apreciação negativa, surge-lhe cruel, vingativo e prepotente, e Laborde, a cujas virtudes e estratégia militar se refere em jeito de admiração quase rasgada, valendo-se para o efeito do testemunho de William Napier, tido como um dos mais reputados historiadores militares britânicos, que cita a partir da obra monumental que publica, em seis volumes, sobre a Guerra na Península.⁴

Admitindo as suas próprias fragilidades, quando se refere à natureza aleatória e ao conteúdo pouco aprofundado das observações registadas, Patterson segue um procedimento usual entre os viajantes, que é recorrer a fontes coevas para tratar temáticas específicas. É neste sentido que aconselha o leitor a socorrer-se, por exemplo, da referida obra de Napier para que se documenta sobre o episódio histórico das guerras peninsulares, uma vez que, como afirma, não é esse o propósito que o move quando por sua vez relata as aventuras das campanhas em que participou.

O carácter memorialístico e autobiográfico da obra está presente quando John Patterson insiste que apenas pretendeu preservar a sua vivência dos acontecimentos. E é neste contexto que regista episódios pontuais que o marcaram, perpassados de fina ironia, como, por exemplo, a alusão ao hábito pouco salutar do “água vai”, de consequências tanto mais deploráveis quanto o traçado estreito e irregular das ruas em Portugal mais se agravava. (1837, 53).

A escassez de dados biográficos referentes à vida deste militar-viajante não permite que possamos traçar dele um retrato mais completo. As informações de que dispomos devem ser procuradas quase exclusivamente nas obras que publicou. Só assim podemos deduzir que viveu os primeiros anos da infância na Irlanda, onde terá estudado e obtido o gosto pela carreira militar. Recorde-se que a época era de forte tensão entre duas das grandes potências europeias, a Grã-Bretanha e a França, sendo que Napoleão somava já vitórias sucessivas um pouco por toda a Europa.

Foi também na Irlanda que decorreram as primeiras experiências militares⁵ até ser chamado a integrar o exército aliado para travar o avanço das tropas napoleónicas no continente. É precisamente no momento em que, embarcado em Portsmouth, rumo à costa sul da Península, entrando em Portugal pela foz do rio Douro, onde finalmente desembarca no verão de 1808.

⁴ Trata-se da obra *History of the War in the Peninsula and the South of France from the year 1807 to the year 1814*, publicada entre 1828 e 1840.

⁵ Nessa época, John Patterson terá sido chamado para participar em treinos na Inglaterra visando o confronto a haver com as tropas de Napoleão.

Das adversidades atmosféricas, associadas ao referido desembarque, dá-nos conta, aliás, num trecho que denota simultaneamente a perturbação e a ansiedade sentidas:

Na foz do rio Mondego, (...) a ondulação era perigosa e havia uma zona de rebentação forte. Vencer este obstáculo foi difícil e arriscado. (...) se acontecia sermos apanhados pela onda, éramos despejados com total falta de cerimónia sobre a areia, desabando por terra qual carga de peixe e não como um punhado de soldados briosos que éramos. (1837, 30).

Num testemunho vivo e convincente do que foram as batalhas da Roliça e do Vimeiro, Patterson remete, de forma igualmente impressiva, para a onda de violência e de destruição que, em consequência da guerra, assolou o país:

(...) era-nos dado contemplar a força destruidora da guerra – as bonitas províncias, com os campos de trigo, os jardins, pomares, olivais e vinhas – apresentavam-se destruídas e arrasadas com o passar das tropas. Os retalhos de terra que estavam mais na nossa imediação nada mais representavam do que uma avassaladora ruína; em todos os lugares por onde o exército de Junot passava, ou estacionava, sobrevinha um rasto de total desolação.

As nossas batalhas eram travadas no meio de vinhas extensas; no Vimeiro, estendiam-se a toda a volta, até o nosso olhar deixar de as ver. As uvas deliciosas, que a natureza tão generosamente oferecia, juntamente com as melancias, refrescavam e matavam a sede aos nossos pobres homens, extenuados e moribundos. (1837, 221-222).

A pobreza que veio encontrar em Portugal chocou-o profundamente, bem como a vida deplorável das camadas mais desfavorecidas da sociedade, situação tanto mais agravada quanto mais se prolongava a dominação estrangeira. É verdade que John Patterson teve conhecimento directo destas realidades, uma vez que, como era uso na época, quando não se encontravam em combate ou aquartelados, os militares ficavam aboletados em casa particulares. Naturalmente que não era fácil assegurar que permanecessem sempre em casas abastadas ou simplesmente confortáveis, pelo que, tendo sido igualmente recebido por gente pobre, dificilmente pôde esquecer as privações por que passou e as longas noites de insónia. Em Novembro de 1808, é este o retrato que divulga do país:

A pobreza extrema e a opressão em que viviam as populações com as quais nos íamos cruzando eram verdadeiramente lamentáveis. Os franceses, como era aliás seu hábito, deixavam atrás de si um rasto de fome e de desolação; sem oferecer qualquer pagamento, arrancavam os mantimentos aos camponeses por força das armas. (...) obrigavam de forma semelhante os habitantes das cidades a desembolsar os custos desta invasão

selvagem. (...) em consequência das investidas dos franceses, não existe hoje nada vender nos mercados e as lojas estão miseravelmente vazias, sendo os infelizes produtores a prova acabada da desgraça que se abateu sobre o próprio país. (1837, 65-6)

De novo em Portugal em 1811, depois de ter participado em Espanha na batalha da Coruña e, posteriormente, na dos Pirenéus, não é difícil aceitar que foram múltiplas as oportunidades que se ofereceram a Patterson para poder conhecer o país na situação real em que encontrava.

O facto de, por exemplo, ter estacionado no Alentejo durante vários meses, até Março de 1812, emprestou ao depoimento maior veracidade ou, se se preferir, verosimilhança narrativa. É com júbilo e conhecimento de causa que constata ter sido o Sul a região mais poupada à fúria do invasor e por isso ter-se-á também sentido melhor entre a população do Alentejo que o recebeu muito satisfatoriamente.

Não podíamos encerrar esta apresentação do que foram “as aventuras” de John Patterson em território português, sem antes nos referirmos a uma temática que foi sempre cara aos viajantes britânicos no nosso país e que ao mesmo tempo motivou alguma estranheza e perplexidade entre eles. Pensamos em concreto na religião, na vida monástica e nos conventos espalhados um pouco por todo o país, (sabemos, aliás, que Patterson se hospedou em alguns deles), bem como na crítica ao clero, que Patterson fez sentir, sem rodeios:

Durante o tempo de permanência dos franceses [em Lisboa] cumpríamos ordens rigorosas (...). Devo confessar, todavia, que vigiar o Convento de San Vicento [sic] não é a mais incómoda das obrigações porque os padres e outros santos homens que lá viviam eram companheiros joviais e bem dispostos que de forma generosa nos presentearam constantemente com as mais deliciosas iguarias, enchendo-nos com litros de vinho de qualidade excelente, que os bem nutridos padres extraíam das adegas subterrâneas da sua venerável residência. (1837, 54).

Se pensarmos que a vida monástica em Inglaterra fez parte de uma realidade distante que teve, porém, forte implantação no período medieval, e se associarmos a este período visto à luz do século XVIII, o sentimento de pitoresco, eivado de reminiscências românticas, podemos compreender melhor a natureza dos relatos de John Patterson que, notwithstanding apresentarem como motivo principal a temática da guerra, preconizada através dos seus principais agentes – os militares –, devem igualmente ser considerados, sob as reservas, como relatos de viagens que denunciam a visão particular da instância narrativa em situação de alteridade face ao inevitável confronto cultural e civilizacional do ‘Eu’ com o ‘Outro’.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Macedo, Jorge Borges de. 1973. A propósito do Centenário da aliança luso-britânica. A historiografia britânica sobre Portugal. Separata de *Palestra*, nr. 42, Lisboa.
- Patterson, John. 1837. The adventures of Captain John Patterson, with notices of the officers, &c. of the 50th, or Queen's own Regiment, from 1807 to 1821. London: T. and W. Boone.
- _____. 1840. *Camp and Quarters, scenes and impressions of military life interspersed with anecdotes of various well-known characters who flourished in the war*. 2 vols. London: Saunders and Otley.